

DESAFIOS E REPRESENTATIVIDADE: UM OLHAR EPISTEMOLÓGICO SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL

Lucas Campos

Universidade Federal Fluminense - UFF

E-mail: camposlucas1994@gmail.com

RESUMO

Um dos grandes desafios encontrados em sala de aula está relacionado ao desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Garantir que alunos desenvolvam habilidades cognitivas e estimular a criatividade são tarefas cotidianas daqueles envolvidos com a educação. A tarefa se torna ainda mais árdua quando nos propomos a estudar conteúdos relacionados à valores nacionalistas e a representatividade de um povo específico, como no caso do ensino de História do Brasil. Questionar os currículos vigentes, propondo uma análise sobre a ótica da epistemologia, é um convite a rever práticas, conceitos, metodologias e ideologias, na busca de uma renovação no ensino de História do Brasil.

Palavras-chave: Ensino de História, História do Brasil, Representatividade, Epistemologia.

ABSTRACT

One of the major challenges encountered in the classroom is related to the development of the teaching learning process. Ensuring that students develop cognitive skills and stimulate creativity are everyday tasks of those involved with education. The task becomes even more arduous when we propose to study contents related to nationalist values and the representativeness of a specific people, as in the case of teaching History of Brazil. Questioning the current curricula, proposing an analysis on the epistemology

perspective, is an invitation to review practices, concepts, methodologies and ideologies, in the search for a renewal in the teaching of History of Brazil.

Key words: Teaching History, History of Brazil, Representativity, Epistemology.

1-INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para o Ensino Médio entendem que o ensino de História tem como objetivos estimular a investigação, contextualizar os temas analisados em sala de aula e trabalhar com valores ligados a representatividade.

A História, enquanto disciplina escolar, ao se integrar à área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, possibilita ampliar estudos sobre as problemáticas contemporâneas, situando-as nas diversas temporalidades, servindo como arcabouço para a reflexão sobre possibilidades e/ou necessidades de mudanças e/ou continuidades. A integração da História com as demais disciplinas que compõem as denominadas Ciências Humanas permite sedimentar e aprofundar temas estudados no Ensino Fundamental, redimensionando aspectos da vida em sociedade e o papel do indivíduo nas transformações do processo histórico, completando a compreensão das relações entre a liberdade (ação do indivíduo que é sujeito da história) e a necessidade (ações determinadas pela sociedade, que é produto de uma história). (PCN, pág.20)

No entanto, os objetivos acima explicitados encontram desafios no cotidiano escolar. Ensinar História do Brasil é uma tarefa que vai além dos limites do processo de ensino aprendizagem e da própria transmissão de conhecimentos.

Questionar, refletir e situar as problemáticas debatidas em sala de aula é uma tarefa complexa quando nos deparamos com um público tão heterogêneo como o encontrado nas salas de aula de nosso país.

É possível ensinar História sem exercer uma atividade de autocrítica? Nos colocar no lugar de nossos alunos é uma tarefa necessária? Questionar as personagens da nossa História e fazer um paralelo com a representatividade é uma tarefa relevante para a prática

docente do professor de História? Questionamentos como os mostrados anteriormente são necessários, especialmente em um período de crise ética e política que nosso país atravessa. Estimular alunos a estudar a história de um país que vivencia um momento caótico é uma árdua tarefa; junte a isso o fato do desinteresse que muitos têm com a disciplina História, o que torna a tarefa ainda mais complexa.

Estimular o aluno para que este desenvolva interesse no estudo de História do Brasil é tarefa não apenas do professor. Mas, em uma sociedade que ainda não desenvolveu um sentimento nacionalista, como realizar tal estímulo?

O historiador Jaime Pinsky, em sua obra ‘O ensino de história e a criação do fato’ (2012) nos lembra que a tarefa de se criar um sentimento nacionalista é difícil, pois no Brasil existia primeiramente o Estado, mas a nação ainda não estava organizada. (PINSKY, 2012, p.13)

Tal análise tem reflexos nos dias de hoje, uma vez que é quase utópico falar em nacionalismo entre todas as parcelas do povo brasileiro.

2- OS ‘BRASIS’ E O DILEMA DA REPRESENTATIVIDADE

Qual será a importância da representatividade para o aluno que estuda História do Brasil? Será que as grandes personalidades da nossa história são vistas como um semelhante, um cidadão brasileiro, pelos olhos do nosso aluno?

Um dos grandes dilemas presentes no ensino de História do Brasil está relacionado com a representação dos indígenas, dos africanos e das camadas populares nos livros didáticos. Ideias preconceituosas rechearam os livros didáticos por anos e a tentativa de solucionar este problema acabou gerando outro tão complexo quanto. Antes, a imagem desses povos era deturpada e atualmente, em uma tentativa de se redimir e corrigir um preconceito praticado por vários anos, muitos livros ‘endeusam’ as camadas marginais da sociedade brasileira, sem levar em consideração algo de extrema importância para a disciplina História e para a produção historiográfica: a veracidade dos fatos.

A heroização do povo pode ser consoladora, mas não ajuda a compreender a realidade, e, portanto, a transformá-la num sentido favorável às classes populares. Ao contrário, pode ser tão mistificadora quanto a história tradicional, que enaltecia os “grandes homens” das camadas dirigentes. (DAVIES, In: PINSKY, 2012, p.123)

Livros didáticos tendem a ignorar fatos históricos em detrimento de outros e, infelizmente, esta tendência presente nos livros muitas vezes é vista na fala de professores de História. Pinsky nos alerta e lembra que ‘uma História não pode ser feita baseada em preconceitos’ (PINSKY, 2012, p.8).

Quando ensinamos a História do Brasil, devemos problematizar nossa prática docente e ‘pluralizar’, gramaticalmente falando, nosso objeto de análise. Afinal, existe uma História do Brasil ou são Histórias de ‘Brasis’? De que país estamos falando quando estamos em sala de aula? Nos referimos ao país tropical que foi uma dádiva para os portugueses que o ‘descobriram’ ou falamos de país que foi covardemente tomado dos indígenas? Falamos orgulhosos dos avanços trazidos pelos europeus ou da destruição das manifestações culturais indígenas? Nos referimos ao Brasil que foi, por anos, um dos maiores expoentes na produção de açúcar, café e na extração de ouro ou do Brasil que se utilizou de uma das práticas mais desumanas da história – a escravidão – para enriquecer uma mínima parcela da população? Falamos de heróis nacionais quando nos referimos a personagens históricos como Antônio Conselheiro, Luís Carlos Prestes e João Cândido? Ou o heroísmo está reservado para nomes como D. Pedro I e Deodoro da Fonseca? Será que um país como o nosso pode ter sua história contada apenas sobre um ponto de vista? A quais setores da sociedade a produção historiográfica que está nos livros didáticos e nas salas de aula privilegia?

A história de todos aqueles grupos sociais que foram excluídos historicamente deve ser resgatada através de uma análise historiográfica séria e competente e esta seriedade deve adentrar as salas de aula, para que o aluno que pertence às camadas populares se sinta parte da história que está aprendendo, podendo assim compreender a sociedade em que vive e, mais importante, partir desta análise histórica para buscar alternativas para as problemáticas vigentes na sociedade.

O aluno que entender a participação popular no passado, com todas as suas características e contradições, estará mais apto a atuar criticamente, sem idealização ingênua (heroização), nem autodepreciação (a história do ponto de vista conservador) da transformação social. (DAVIES, In: PINSKY, 2012. p.125)

Reconhecer que a História do Brasil não deve se tornar refém de uma análise linear se faz necessário para auxiliar nosso aluno a compreender a atual sociedade brasileira, buscando alternativas para os problemas existentes.

Se esse aluno perceber o passado não como mero produto da ação dos grupos dominantes, mas como resultado dos conflitos de interesse entre dominantes e dominados, terá captado melhor o potencial e as limitações das camadas populares em sua luta contra as camadas dominantes e dado um passo à frente no sentido da superação da sociedade de classes. (DAVIES, In: PINSKY, 2012. P.138)

É preciso conhecer o passado de nosso país e o reflexo destes acontecimentos no ambiente social em que estamos inseridos, pois assim poderemos caminhar em busca de uma sociedade mais igualitária e livre de qualquer tipo de discriminação.

3- PRECISAMOS DESENVOLVER UM SENTIMENTO NACIONALISTA?

Como fora dito anteriormente, o Estado brasileiro se formou e organizou antes da nação brasileira. Afinal, qual a importância do nacionalismo para o povo brasileiro? Os atuais problemas enfrentados pelo povo brasileiro nos mais variados âmbitos – político, econômico, social – poderiam ser sanados ou amenizados se constituíssemos, de fato, uma nação?

No clássico ‘Formação das almas’ (2012), o historiador José Murilo de Carvalho discute a importância de um ‘imaginário social’ para que tenhamos um sentimento nacionalista. Carvalho afirma que a questão nacionalista ganha força no Brasil apenas no fim do período imperial.

Somente ao final do Império começaram a ser discutidas questões que tinham a ver com a formação da nação, com a redefinição da cidadania. Embora no início da vida independente brasileira um dos principais políticos da época, José Bonifácio, já tivesse alertado para o problema da formação da nação, mencionando particularmente as questões da escravidão e da diversidade racial, tudo isso ficou em segundo plano, pois a tarefa mais urgente a ser cumprida era a da sobrevivência pura e simples do país. (CARVALHO, 2012, p.23)

O problema acerca da nação brasileira é histórico e certamente não será resolvido de forma rápida. Questionar a necessidade de um sentimento nacionalista é válido e nos convida a uma reflexão interessante sobre quais seriam as alternativas para enfrentarmos o atual momento crítico de nosso país se fossemos, de fato, uma nação forte e unida.

A ausência de personalidades históricas que incitem este nacionalismo é evidente. Afinal, em um Brasil tão plural, a tarefa de selecionar heróis nacionais é árdua. Temos heróis para os vários ‘Brasis’ que existem. Será que para um descendente de escravos, que sente ainda hoje reflexos de uma sociedade preconceituosa e elitista consegue ver na figura da princesa Isabel uma real heroína nacional? D. Pedro I, ao declarar a ‘independência’ do Brasil, atendia a um anseio de todo o povo brasileiro ou de uma pequena parcela? A proclamação de República foi um movimento de caráter popular, a ponto de considerarmos o marechal Deodoro da Fonseca um dos heróis nacionais? Estas personagens de nossa história devem ser constantemente revisitadas e questionadas sobre sua trajetória política. Afinal, nomes como D. Pedro I e Deodoro da Fonseca foram heróis para quais ‘Brasis’?

Apesar deste desafio relacionado com a multiplicidade do povo brasileiro, deve-se buscar este sentimento nacionalista. Talvez se o sentimento nacionalista fosse na vivência política e no convívio em sociedade tão forte quanto é durante os eventos futebolísticos da nossa seleção, esta discussão teria outros rumos.

4- CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO BRASIL

Tão importante quanto a discussão sobre os valores e os reflexos na vida cotidiana que o ensino de História do Brasil propicia, os professores devem estar atentos ao processo de ensino aprendizagem. Refletir sobre a nossa didática é o ponto de partida para toda atividade realizada em sala de aula. Que conhecimento nossos alunos buscam? Para que estudar História do Brasil? Qual o papel do professor no processo de ensino aprendizagem?

Alberto Oliva, em seu livro ‘Teoria do conhecimento’ fala sobre a aplicabilidade do conhecimento.

(...) a busca de conhecimento atende a várias necessidades. Serve para saciar a curiosidade intelectual, resolver problemas que provocam a inteligência, ou enfrentar desafios que põem em risco a sobrevivência ontogenética ou filogenética do homem. (OLIVA, 2011, p. 8)

Diante da exposição de Oliva, o exercício de reflexão é válido e importante. Estimulamos em nossos alunos estes objetivos apresentados acima pelo autor?

O ensino de História do Brasil deve estar atento a estes questionamentos, uma vez que dentro do ambiente escolar, as disciplinas das ciências humanas permitem uma maior flexibilidade e um debate com questões atuais na sociedade. Afinal, certamente os questionamentos levantados em uma aula de História terão mais reflexos no meio social do que uma discussão de Física ou Matemática, por exemplo.

5- CONCLUSÃO

O ensino de História do Brasil é importantíssimo para que reflitamos sobre nossa sociedade. Apesar dos grandes desafios que permeiam nossa história, é de suma importância que professores e alunos reconheçam a História do Brasil como instrumento que auxilia na compreensão de nossa situação atual, podendo ser usada como instrumento de mudança.

Em um país tão diverso, que tem em seu povo o resultado de um grande processo de miscigenação, ensinar a História brasileira e estimular um sentimento nacionalista é uma tarefa árdua. Qual dos ‘Brasis’ são apresentados para nossos alunos em cada aula, texto ou discussão? Ensinamos uma História que estimula, direta ou indiretamente, o preconceito contra os indígenas, os negros e as camadas populares? Como esse aluno se vê representado em cada um desses ‘Brasis’?

Os heróis nacionais não conseguem ser unanimidade em um país tão plural, pois o projeto da nação brasileira parece ainda engatinhar, apesar de já terem se passado mais de meio milênio desde que os portugueses por aqui chegaram.

Desconstruir, contestar e problematizar são palavras de ordem nas aulas de História do Brasil. Pensar e analisar este país sobre as mais variadas óticas é um exercício que deve ocorrer constantemente, na busca de um ensino e de uma produção de conhecimento que se preocupe em auxiliar este aluno na compreensão da atual situação da sociedade brasileira.

6-REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)**. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Ensino Médio. Brasília: MEC, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVA, Alberto. **Teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PINSKY, Jaime. (Org). **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2012.